

Mass media e além: A lógica da inversão no pós-morte das tirinhas do Penadinho de Maurício de Souza

Mass media and beyond: The logic's inversion in the afterlife of the strips of Mauricio de Souza's Penadinho

Francisco Benedito Leite¹
ethnosfran@hotmail.com

Resumo

Os quadrinhos de Maurício de Souza se tornaram famosos no Brasil e no exterior. Suas histórias são um meio popular de humor, pois, no caso das tirinhas, veiculam através de cenas rápidas, piadas tradicionais, que apesar de sua simplicidade – na medida em que se destinam principalmente à compreensão de crianças – também são atraentes para o público adulto, devido à sua relação com importantes elementos da cultura brasileira. Com a sua relação com a cultura e sua ampla divulgação há décadas, pretendemos demonstrar nesse meio de cultura de massa (*mass media*) a como esse fenômeno da inversão da linguagem do pós-morte se manifesta nos personagens e nas histórias da turma do Penadinho, segundo a teoria do pensador russo Mikhail M. Bakhtin, relacionando-o com a tradição cultural antiqüíssima do inferno carnavalizado, amplamente difusa na literatura.

Palavras-chave: *Mass media*, Penadinho, pós-morte, inversão, linguagem, Bakhtin.

Abstract

The Comics of Maurício de Souza became famous in Brazil and abroad. Their stories are a popular means of humor, as in the case of comics, delivered through a fast moving scenes, traditional jokes, which despite its simplicity – in that intended primarily to understanding children – are also attractive to the adult audience due to its relationship with important elements of Brazilian culture. With its relationship with this culture and its wide dissemination for decades, we intend to demonstrate this through mass culture (*mass media*) to this phenomenon as the inversion of the language of post-death manifested in the characters and the stories of the team of Penadinho, according to the theory of the Russian thinker Mikhail M. Bakhtin, relating it with the ancient cultural tradition of carnivalized hell, widely diffused in the literature.

Keywords: *Mass Media*, Penadinho, afterlife, inversion, language, Bakhtin

Mass Media e cultura

¹ Bacharel em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, membro do grupo de pesquisa de apocalíptica, misticismo e fenômenos visionários: Oracula.

As palavras do inglês “*mass media*”² referem-se ao instrumento, ou à forma de conteúdo, utilizados para a realização do processo comunicacional que objetiva alcançar grande número de pessoas, as massas, e, em alguns momentos, pode ser considerado sinônimo de mídia. Podendo se manifestar em forma sonora: rádio e *podcast*; escrita: jornais, diários e revistas; audiovisuais: televisão e cinema; além de outras formas digitais e multimídiaicas, efetuadas pelo computador através da internet, ou da tv digital.

Em *Apocalípticos e integrados* o célebre humanista Umberto Eco (2005) apresenta diferentes opiniões sobre os *mass media*. Por um lado, o grupo que ele denomina como “apocalípticos”, representado pelos teóricos críticos de tradição marxista da Escola de Frankfurt: (Adorno e Horkheimer), têm uma concepção pessimista da cultura de massa, na verdade a vêem como “anticultura”, pois a cultura é um fato aristocrático, ocioso, a ser cultivado, oposto à vulgaridade das multidões (2005, p.8). Segundo eles, os meios de cultura de massa serviriam para manter as classes baixas sob a ideologia produzida pelos interesses dominantes, respirando suas ilusões, e, portanto, sem possibilidades de enfrentar a difícil realidade social.

Por outro lado, o grupo que Eco denomina como “integrados”, vê na cultura de massa o alargamento da cultura que em outrora era restrito, pois, agora, a televisão, o jornal, o rádio, as histórias em quadrinhos e os romances populares colocaram os “bens culturais à disposição de todos, tornando leve e agradável a absorção das noções e a recepção de informações” (2005, p.8). McLuhan e Innis são representantes dessa visão positiva dos *mass media*, que em suas opiniões, visa integrar os diferentes estratos da sociedade à cultura, dessa forma, exercendo um papel democrático e relevante na sociedade contemporânea.

Após apresentar as duas linhas de pensamento diante do *mass media*, Eco apresenta seu próprio posicionamento a esse respeito, que não vê o fenômeno da cultura de massa nem como positivo, nem como negativo, apenas o compreende como um importante elemento da nossa realidade, e como tal não pode ser ignorado.

O universo das comunicações de massa é – reconhecamo-lo ou não – o nosso universo; e se quisermos falar de valores, as condições objetivas das comunicações são aquelas fornecidas pela existência dos jornais, dos rádios, da televisão, da música reproduzida e reproduzível, das novas formas de comunicação visual e auditiva. Ninguém foge a essas condições, nem mesmo o virtuoso, que, indignado

² Em português o mesmo objeto é chamado de “meios de comunicação de massa”.

com a natureza inumana desse universo da informação, transmite o seu protesto através dos canais de comunicação de massa, pelas colunas do grande diário, ou nas páginas do volume do em *paperback*, impresso em linotipo e difundido nos quiosques das estações. (2005, p.11).

No que diz respeito à existência de estratos culturais, outro intelectual – também italiano – Carlo Ginzburg apresentou o seu conceito de “circularidade da cultura”, segundo o qual, a movimentação da cultura não está presa à classe social e chega a vagar até longas distâncias geográficas. Assim, Ginzburg se contrapõe a ideia, tradicional em sua época, de que existiam dois níveis bem delimitados de cultura: um erudito e um popular, sendo que só o primeiro era autenticamente cultura criativa. Contrariando essa afirmativa, afirmou a circularidade da cultura através de sua pesquisa sobre o processo inquisitorial de um moleiro acusado de heresia, que foi publicada como: *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição* (1997), onde demonstra um homem humilde longe de ser um intelectual, mas que está cheio de ideias tradicionais de outros grupos com os quais não manteve contato.

Portanto, independentemente do valor que esse tipo de meio de comunicação tenha, ele é ativo na sociedade contemporânea. Por isso, Eco destina boa parte do volume de *Apocalípticos e integrados* à análise de diferentes tipos de *mass media*. Particularmente interessante para nosso presente artigo são as histórias em quadrinhos (*Steve Canyon*, *Superman* e *O mundo de Minduim*), que o autor apresenta, para buscar através da semiótica, a mensagem transmitida às massas por essas histórias. Apesar de sua visão pessimista de *Steve Canyon* e *Superman* em contrapartida à sua visão positiva de *O mundo de Minduim*, o mais interessante na análise de Eco é a apresentação de elementos simbólicos e mitológicos relacionados com as histórias em quadrinhos, e a mensagem que está por trás da trama aparentemente ingênua. Assim, afirmamos que é nessa mesma esteira que pretendemos realizar nossa análise da Turma do Penadinho.

Quem também destaca a importância desse meio de comunicação é o historiador das religiões Mircea Eliade, que em *Mito e Realidade* (2006), apresenta a relação do mito com o *mass media*, como uma forma de sobrevivência do mito na sociedade contemporânea, assim afirma:

Pesquisas recentes trouxeram à luz as estruturas míticas das imagens e comportamentos a coletividade por meio dos *mass media*. Esse fenômeno é constatado especialmente nos Estados Unidos. Os personagens dos comic strips (histórias em quadrinhos) apresentam a versão moderna dos heróis mitológicos ou folclóricos (2006, p.159).

Dessa maneira, constata-se que apesar da aparente ingenuidade das narrativas, das mensagens e das personagens das histórias em quadrinhos, encontra-se em seu núcleo um amplo campo simbólico a ser pesquisado, pois, existem estruturas que as ligam, em seu núcleo, diretamente com antiqüíssimos mitos e tradições folclóricas.

Os próximos parágrafos se destinam a mostrar essa relação entre as histórias em quadrinhos da *Turma do Penadinho* de Maurício de Souza e a literatura carnalizada, a sátira menipeia e o antigo gênero dos “diálogos”.

Maurício de Sousa e “a turma do Penadinho”

Maurício Araújo de Sousa (1935, Santa Isabel) é um dos mais consagrados cartunista brasileiro, e, particularmente, o mais premiado autor de histórias em quadrinhos do Brasil. Filho de poetas, passou parte da infância em Mogi das Cruzes – cidade do interior de São Paulo representativa da cultura “caipira” – onde começou a demonstrar, ainda que timidamente, talento com tinta e papel, pois, trabalhou como cartazista para o comércio da região. Aos dezenove anos, buscava evoluir na profissão de desenhista, para tanto foi até a capital do estado, onde encontrou emprego como escritor de reportagens policiais do jornal *Folha da Manhã*, reportagens, as quais ele mesmo ilustrava, e seus desenhos eram bem aceitos pelo público.

Somente a partir de 1959 ele começaria com as tirinhas no mesmo jornal, primeiramente seus personagens eram, apenas o cãozinho Bidu e seu dono Franjinha, mas no ano seguinte surgiria o Cebolinha que ganharia destaque, e gradativamente muitos outros personagens que formariam a “Turma da Mônica”. Seus personagens, apesar de algum elo, se dividiram em diferentes turmas, pois, além da Turma da Mônica que sempre esteve em evidência, existiriam paralelamente outras, como o Chico Bento que possui uma turma particular e um cenário específico, que diz respeito ao ambiente rural, a “Turma do Pitéco”, que eram personagens da pré-história, “Turma da Mata”, que eram personagens indígenas e animais da floresta, além do viajante espacial “Astronauta”, dos jovens “Tina e Rolo”, e, mais

interessante para nossa argumentação, a Turma do Penadinho a qual, apresentaremos mais detidamente.

A partir de 1970, começou a ser publicada a revista da Turma da Mônica, em pouco tempo, essa revista se desdobraria em mais revistas em que os títulos eram os nomes dos seus personagens principais: *Mônica*, *Cebolinha*, *Cascão*, *Magali* e *Chico Bento*. O sucesso foi muito grande, chegando a mais de um bilhão de revistas impressas, além desses personagens estarem presentes em mais de trinta países e darem a Maurício de Sousa um *status* jamais alcançado por outros autores do gênero, recebendo o título de doutor *honoris causa* da Universidade Braz Cubas e a medalha dos Direitos Humanos do governo brasileiro.

Nas histórias da turma da Mônica, os personagens principais são crianças, embora os seus pais também apareçam, assim como outros adultos, e alguns personagens do autor sejam jovens, como Tina, Rolo, Astronauta e Piteco, a pesar desses, o mundo que se destaca é aquele produzido pelas e para as crianças, é em torno delas que ocorrem os eventos mais empolgantes.

Importa para nós é apresentar a forma como essas histórias em quadrinhos veicularam a cultura em seu conteúdo. Por exemplo: Chico Bento é um menino que vive na roça, na alegre vida rural, em total contato harmônico com a natureza, representa o homem primitivo “antes da queda”, pois, apesar de um ou outro infortúnio que sofre ao longo das narrativas, a natureza nunca é hostil, mas é sempre agradável, é sua característica a fuga do trabalho, seu menosprezo pelos estudos e pela religião, pois a terra lhe fornece todo o necessário. Ele representa claramente aquele estilo de vida saudosista, das pessoas que foram obrigadas a migrar para os centros urbanos em busca de trabalho e que mantiveram uma memória viva do “interior” como *topos* ideal, sobre o qual sempre se referem quando falam de sua infância. Talvez o Próprio Maurício de Sousa seja vítima desse processo mnemônico representado pelo seu referido personagem. Apesar de nos parecer atraente falar de cada personagem da Turma, isso extrapolaria nosso escopo, pois nossa proposta se dirige mais diretamente à “*Turma do Penadinho*” e sua relação com o pensamento religioso das massas. Por isso, vamos direto ao assunto, tratando especificamente do livro de tirinhas: *Turma do Penadinho: Quem é morto sempre aparece* (2010) lançado pela editora L&PM Pocket.

Tirinhas são histórias curtas, que geralmente possuem apenas três quadrinhos, podendo possuir mais ou menos, dependendo da disposição gráfica, pois, como o nome sugere, tira (em

inglês *strip*), é uma faixa, onde acontece uma curta narrativa, geralmente apresentando diálogos, embora em alguns casos apenas os desenhos – sem falas dos personagens – já dão conta de nos transmitir a narrativa. Dessa forma, se torna evidente nossa afirmativa de que os quadrinhos estejam relacionados com o antigo gênero “diálogo”, que se tornou famoso e chegou até nós, principalmente através da imagem de Sócrates, mas, também através da sátira menipeia, como no texto *Diálogo dos mortos* de Luciano de Samosata. Nesses tipos de texto o narrador tem função pouco importante ou nula, visto que o diálogo dos interlocutores é direto, sem intermediação de outra voz exterior ao enredo. Sobretudo, na sátira menipeia se destaca o aspecto cômico, pois essa é uma forma de desintegração do gênero “diálogo”.

Assim, notamos que há uma ligação entre os gêneros “quadrinhos”, “diálogos” e “sátira menipeia”, e podemos destacar como elo, a cosmovisão carnavalesca de ambas:

A cosmovisão carnavalesca é dotada de uma poderosa força vivificante e transformadora e de uma vitalidade indestrutível. Por isso, aqueles gêneros que guardam até mesmo a relação mais distante com as tradições do sério-cômico conservam, mesmo em nossos dias o fermento carnavalesco que os distingue acentuadamente entre outros gêneros. Tais gêneros sempre apresentam uma marca especial pela qual podemos identificá-los. Um ouvido sensível sempre adivinha as repercussões, mesmo as mais distantes, da cosmovisão carnavalesca. (Bakhtin, 2010b, p.122).

Ater-nos-emos mais detidamente a exemplificar o que é essa “cosmovisão carnavalesca”, abaixo, a partir da linguagem de inversão das tirinhas. Primeiramente entremos no mundo da turma do Penadinho.

As histórias da Turma do Penadinho acontecem em sua maior parte no cemitério, apesar dos personagens terem certa liberdade de sair de lá em direção às outras regiões, e em um momento e em outro também apareça o céu e o inferno.

O personagem principal é o Penadinho, seu nome e sua baixa estatura, parecem sugerir que esse fantasma seja de uma criança, mas ao decorrer das tirinhas notamos que ele fala como adulto, aliás, assuntos de adulto, e quando aparecem fantasmas de crianças, são notavelmente diferentes. Assim chegamos à conclusão de que Penadinho é ambíguo, no que diz respeito a sua maturidade, decidir entre seu estágio de infância ou fase adulta, é impossível. Além de Penadinho, seus companheiros, Muminho e Zé Vampir também apresentam tal ambivalência, que nos traz à mente a sensação de que eles estão em uma idade ideal para o “viver pleno”,

sem preocupações de faixa etária, características da vida humana, sem as proibições que as crianças enfrentam devido à falta de responsabilidade, sem a ocupação e o mal-humor da fase adulta e sem as limitações impostas pela velhice. Só assim, sem todas as limitações características das diferentes fases da vida humana é que se pode viver plenamente, ainda que essa vida seja após a morte.

Se o cenário é o cemitério, lugar caracterizado no mundo real para os vivos, pela profunda tristeza e melancolia, em contrapartida, nas tirinhas da Turma do Penadinho, esse ambiente é alegre e agitado, onde sempre acontecem festas e brincadeiras entre sua densa população, de tal maneira que parece sugerir que esse mundo do além, do pós-morte, seja mais feliz que a própria vida dos seres humanos que não passaram para a morte.

Nessas histórias, sempre que alguém passa para o mundo do além, passa na mesma função que realizava anteriormente, se morre de acidente de carro, entra no além procurando o freio de seu veículo, se era idoso passa para lá como um fantasma de idoso, o mesmo se dá com as crianças – por isso notamos uma ambiguidade na maturidade de alguns personagens – mas é notável que a adaptação é rápida, ninguém fica chorando para sempre e se lamentando de ter passado para o além.

O personagem que mais contracena com Penadinho nessas histórias é o Cranicola, um crânio que perdeu seu corpo e vive dificuldades de locomoção, mas que apesar disso, não é apresentado em sua deficiência, mas apenas como mais um dos personagens. Zé Vampir é, obviamente, um vampiro inserido naquele ambiente, da mesma forma Muminho está lá. Embora fantasmas, vampiros, caveiras, múmias e monstros como Frankstein, ou o Lobisomem, sejam diferentes, todos eles se comunicam e vivem numa mesma sociedade, sem destaque das diferenças, embora, isso seja significativo em alguns momentos, como no caso de Cranicola não poder se mover e às vezes sofrer com as peças que seus parceiros lhe pregam, ou ter dificuldades de brincar de esconde-esconde. A Dona Morte também tem importância nessa turma, ela exerce uma forma de liderança, como a mais experiente de todos os personagens do cemitério.

Tendo esse conhecimento prévio dos referidos personagens podemos passar para o próximo momento, onde aplicamos a teoria de Bakhtin para a análise de meio de cultura de massas, nos direcionando especificamente para o referido livro de tirinhas de Maurício de Souza (2010).

Linguagem de inversão do pós-morte

Nas histórias da Turma do Penadinho destaca-se a característica do mundo do além como um mundo às avessas, a começar pelo subtítulo “*Quem é morto sempre aparece*”. Quando se substitui o “morto” pelo “vivo” nessa frase, temos um ditado popular brasileiro, que geralmente se usa ao reencontrar algum conhecido que não era visto há muito tempo, porém, com a substituição de “vivo” pelo seu antônimo “morto”, é realizada uma paródia do ditado popular que brinca com as crendices místico-populares que acreditam no retorno dos mortos do além, embora seja absurdo para o senso comum.

Como exemplo, também podemos citar uma tirinha, na qual Penadinho joga futebol com seu companheiro fantasma, e a bola lhe vem a altura do peito, ao invés de Penadinho lhe dizer “Mata no Peito” - no sentido em que “matar no peito” é uma gíria popular para os futebolistas como sinônimo de “dominar no peito” – Penadinho lhe diz: “Ressuscita ela no peito, Zé!”, uma inversão óbvia, pois, se os vivos matam a bola, os mortos a ressuscitam (2010, p.61).

Ou podemos citar também a tirinha em que o fantasma de uma criança vai à direção de Penadinho dizendo: “Penadinho, eu vi um vivo com a cara mais gozada do mundo”, então Penadinho lhe repreende severamente dizendo “O que é isso Pixuquinha”, “Respeite os vivos!”. Outro caso de inversão óbvia, se os vivos devem respeitar os mortos, os mortos devem respeitar os vivos (2010, p.14).

Ou na tirinha em que um fantasma espirra perto do Penadinho e ele lhe diz: “Saúde”, no entanto, o fantasma que havia espirrado lhe responde: “Malcriado”. Pois, saúde é algo necessário para a vida e desejar a vida para um morto é como desejar a morte para um vivo (2010, p.79).

Nessa mesma lógica a palavra “viva”, estampada na embalagem de sabão em pó do mundo dos vivos, soa como pornografia para os fantasmas, na medida em que isso é repugnante e indesejável (2010, p.11). E, estreitamente relacionada com essa tirinha, está outra que Penadinho aparece com uma expressão de nervoso, talvez frustrado, jogando um livro no lixo, o qual tem por título: “Como vencer na vida” (2010, p.13).

Interessante também que os mortos têm dezessete de abril, que é o dia mundial da saúde, como uma alternativa ao dois de novembro, dia de finados respeitado pelos vivos (2010, p. 18).

As citações dessas historinhas são suficientes para demonstrar a lógica bastante simples da inversão no “pós-morte” das tirinhas da turma do Penadinho, mas apresentemos apenas mais uma, demonstrada em seu próprio gênero, para demonstrar que no mundo dos mortos a inversão abrange não somente a linguagem:



(Figura 1: SOUZA, 2010, p.21)

Como se nota nessa tirinha, as desenhistas de moda querem “desigualdade” no mundo dos mortos, pois, no mundo dos vivos quiseram a igualdade, como foi característico aos movimentos feministas relacionados com mulheres dessa profissão. Duas coisas a serem destacadas, essas mulheres sempre são “do contra”, insatisfeitas com a realidade em que vivem, pois, no além é característico a igualdade, que elas desejaram em vida, no entanto, agora isso já não lhes interessa mais, já que seu verdadeiro objetivo é contrariar.

Mas o fato a ser destacado nessa lógica de inversão é que ela não pertence apenas à criatividade de Maurício de Souza, pelo contrário, esse é um tema tradicionalíssimo na literatura cômica popular, desde tempos antiquíssimos, na chamada literatura carnalizada segundo o conceito Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895, Orel – 1975, Moscou).

Como filólogo Bakhtin estudou os gêneros literários da antiguidade na busca das origens do romance, segundo sua tese, houve uma época em que os gêneros sérios: a epopeia, a tragédia, a história, a retórica clássica, etc. entraram em crise, dando lugar a uma porção de

novos gêneros menores que se desenvolveram principalmente na época do helenismo, os quais são chamados de “sério-cômicos”, por abordarem questões sérias através de textos cômicos, nesse gênero estão: “os mimos de Sofron, os diálogos de Sócrates, a vasta literatura de simpósios, a primeira Memoralística, os panfletos, toda a poesia bucólica, a sátira menipeia e alguns outros gêneros”³.

Assim, uma forma cômica tomaria conta dos gêneros que dominaram, na época helenística, textos que apesar da comicidade não deixavam de ser levados a sério, pois assim afirma Bakhtin:

Estamos convencidos de que não havia literalmente um só gênero direto estrito, nem um só tipo de discurso direto – literário, retórico, filosófico, religioso, popular – que não tivesse o seu duplo paródico-travestizante, sua contra parte cômico-irônica, ademais, estes duplos paródicos e os reflexos cômicos do discurso direto em alguns casos eram tão consagrados e canonizados pela tradição quanto seus protótipos elevados. (2010c, p.373).

Tomando especificamente a sátira menipeia para exemplificar, podemos citar um trecho da narrativa de Diógenes quando encontra Hércules no inferno:

Diógenes – Como diz? És a imagem de um deus? É possível que alguém seja metade deus e a outra metade esteja morta?
Hércules – Sim, pois não sou aquele que está morto, mas sua imagem.
Diógenes – Compreendo. Entregou-te ao deus dos mortos como substituto dele?
Hércules – Isso mesmo!
Diógenes – E como é que Éaco que é tão minucioso não percebeu que você não era aquele e aceitou o Hércules postigo aqui presente?
Hércules – Porque somos muito parecidos. (XI, 1-2).

Ou, também podemos nos referir a outro texto do mesmo gênero que apresenta o imperador Cláudio divinizado chegando “cagado” aos céus:

Foi-lhe este o último som ouvido entre os homens, quando teria deixado escapar os maiores barulhos daquela parte, com a qual mais facilmente falava: ‘Ai de mim creio que me caguei’ Não sei se ele falou isso. O certo é que ele emporcalhou todas as coisas. (IV, 3).

³ Bakhtin retoma essa mesma argumentação em vários textos de sua autoria, como referência podemos citar: *Problemas da poética de Dostoiévski* (2010b pp. 121s), *Da Pré-história do gênero romanesco* (2010c, pp. 363-396) e *Epos e Romance* (2010c, pp.397- 428)

Essas citações mostram uma lógica bastante próxima da que examinamos nas tirinhas da turma do Penadinho, pois, se por um lado, Hércules era um semideus enquanto estava vivo, no inferno ele não passa de uma caveira. Semelhantemente, Cláudio como imperador romano ocupou um lugar divino, já que os imperadores recebiam culto e sacrifícios, porém, após sua morte ele chega aos céus para reclamar seu lugar mas é expulso de lá para o inferno, onde vira escravo de um escravo.

De um recurso semelhante a essa lógica da inversão parecem ter se aproveitado os primeiros cristãos que em seus textos afirmavam a divinização daquele que foi morto na cruz, pois, enquanto os semideuses se tornam tão vulneráveis após suas mortes, um camponês morto na cruz – castigo mais ignominioso – “é declarado filho de Deus conforme o espírito de santificação pela ressurreição dos mortos” (Rm 1.4), invertendo a ordem das coisas intelectuais desse mundo (I Co 1. 18-31).

Não seria apenas na literatura do mundo antigo que se manifestaria essa lógica de inversão do pós-morte, ela se destacaria sobremaneira na chamada “literatura carnavalizada”, com esse conceito Bakhtin pretendeu denominar a literatura que foi penetrada pelo ritual festivo do carnaval, mas em suma, o carnaval se manifestava de três maneiras diferentes, conforme Bakhtin apresenta em sua obra *Cultura popular na Idade Média e no Renascimento no contexto de François Rabelais* (2010a, pp. 3-7).

“1. *As formas dos ritos e espetáculos*”: Festas cômicas que existiam em oposição às festas oficiais (cerimônias sérias), e aconteciam através da “festa dos tolos”, “festa do asno”, “riso pascal” e “festas do templo”, tão populares no mundo medieval, mas pouco conhecidas hoje em dia. Essas festas tinham uma função de catarse, para o povo medieval, pois o riso estabelecia a oposição de dois mundos, a seriedade do mundo cotidiano em contrapartida à alegria carnavalesca, pois o carnaval não é uma manifestação artística, na medida em que os personagens do carnaval não são humoristas, visto que, diferentemente dos comediantes que conhecemos, bufões, bobos, gigantes e anões continuam sendo bufões e bobos durante todas as circunstâncias de suas vida (2010a, p.4).

“2. *Obras cômicas verbais*”: Durante o período helenístico conhecemos um gênero literário chamado sátira menipeia, do qual algumas obras sobreviveram como *Aboborificação do divino Claudio*, de Sêneca, *Diálogo dos Mortos*, de Luciano de Samosata, e *O asno de ouro*, de Lucio Apuleio. Embora Bakhtin não entre em pormenores a respeito desses escritos,

citá-os como fonte de Rabelais, essas obras além de testemunharem a existência do já referido realismo grotesco e do riso na antiguidade, também se manifestam como prova da forma como os antigos falavam de coisas sérias através do riso, isso é afirmado por Bakhtin em *Problemas da poética de Dostoievski* quando apresenta a gênese do gênero novelesco na antiguidade.

“3. *Diversas formas e gêneros do vocabulário familiar*”: além das formas escritas a cultura carnavalesca também se manifesta no diálogo, através do tom de voz, do vocabulário, de gestos e de outras particularidades na comunicação entre pessoas chegadas que rompem à seriedade da conversa. Bakhtin afirma que isso se manifesta concretamente através do gênero do diálogo nas feiras e praça pública, lugares propícios para piadas e conversas fiadas, linguagem familiar, linguagem dos banquetes, palmadas nos ombros e no ventre, palavras blasfemas, injuriosas e grosseiras e obscenidades.

Nessas diferentes manifestações do carnaval – seja na literatura, em histórias populares ou na literatura – se destaca o inferno carnavalesco:

É ainda mais interessante a carnavalização coerente do inferno. O inferno coloca em condição de igualdade todas as situações terrestres; nele, o imperador e o escravo, o rico e o miserável se encontram e entram em contato familiar em pé de igualdade, etc., a morte tira a coroa de todos os coroados em vida. Emprega-se frequentemente a lógica carnavalesca do ‘mundo às avessas’ para a representação do inferno, aqui o imperador se torna escravo, o escravo imperador, etc. O inferno carnavalizado da menipéia determinou a tradição medieval das representações do *inferno alegre*, que encontrou seu apogeu em Rabelais. Essa tradição medieval se caracteriza por uma fusão deliberada do inferno antigo com o inferno cristão. Nos mistérios, o inferno e o diabo (nas diabruras) também são coerentemente carnavalizados. (2010b, p.152).

Como exemplo desse inferno carnavalizado, podemos citar aquele apresentado na obra de François Rabelais: *Gargântua e Pantagruel*

Então começou a falar dizendo que havia visto os diabos, conversando familiarmente com Lúcifer e se divertindo muito no inferno e nos Campos Elíseos. E afirmava na frente de todos que os diabos eram bons sujeitos. A respeito dos danados, disse que estava aborrecido por ter Panúrgio tão cedo lhe feito voltar à vida. ‘Pois, disse ele, eu me divertia muito em vê-los. – Como? disse Pantagruel. – Não são tratados tão mal como pensais, disse Epistemon; mas seu estado é mudado de modo bem estranho.’ Pois vi Alexandre o Grande que remendava velhos calções e assim ganhava a vida.

(...)

Todos os cavaleiros da mesa redonda são pobres remadores, que fazem a travessia do rio Cócito, Flegeton [e outros] (...) quando os senhores diabos querem passear na água (...). Mas para cada passagem só ganham um piparote no nariz e à noite um pedaço de pão duro. (...) Dessa maneira os que foram grandes senhores neste mundo terão uma vida pobre e trabalhosa lá em baixo. Ao contrário os filósofos e os que foram indigentes neste mundo lá serão grandes senhores por sua vez. Vi Diógenes que andava magnificamente, com uma grande túnica de púrpura e com um cetro na destra, e ralhava com Alexandre o Grande quando este não remendava direito os calções, e lhe pagava com bastonadas. (...) Pathelin, tesoureiro de Ramento, querendo comprar os pasteis que o Papa Julio vendia, pergunta-lhe quanto custava uma dúzia. ‘Três *blancs*, disse o papa.’ Mas Pathelin disse: ‘- Três bordoadas é o que mereces: sai daqui, vilão, sai daqui, vai procurar outros.’ O pobre papa foi-se embora chorando; quando se viu diante de seu patrão pasteleiro, disse-lhe que tinham lhe tirado os pastéis. Então o seu senhor lhe deu uma chicotada tão forte que a sua pele serviria para fazer cornamusas” (Rabelais, 2009, pp. 363-369)⁴

Assim, pretendemos ter demonstrado – ainda que superficialmente, dada a pequena dimensão desse artigo em relação à imensidão do tema – que as referidas histórias em quadrinhos, como meio popular de cultura de massa, está atravessada, e é alimentada por “uma grandiosa cosmovisão universalmente popular dos milênios passados” (Discini, 2008, p.55).

Considerações finais

Com nosso breve ensaio pretendemos apontar para as histórias em quadrinhos, mais propriamente as tirinhas da *Turma do Penadinho* de Maurício de Souza, como veículo de um antiquíssimo pensamento a respeito das inversões que acontecem no além, em relação ao mundo dos vivos.

Demonstramos também, que o “inferno carnavalizado” se inseriu e foi transmitido para a cultura de massa, não nos importando se o autor tinha consciência ou não dessa transmissão efetuada em suas narrativas, pois, o autor, como homem inserido na cultura é um transmissor dela, mesmo que desconheça suas estruturas e suas fontes.

Demonstramos também a gênese do gênero “quadrinhos” com os antigos gêneros: “diálogos” e sátira menipeia, apresentando a ambos como exemplares da referida “literatura carnavalizada”, segundo o conceito do teórico russo Mikhail Bakhtin, que utilizamos como referencial teórico para nossa abordagem.

Com essas afirmativas podemos reafirmar o conceito de “circularidade da cultura” de Carlo Ginzburg (1997), para demonstrar que o movimento cultural não se submete a estratos

⁴ Segui a citação do inferno carnavalizado de Norma Discini em seu artigo: *Carnavalização* (2008).

sociais, nem respeita categorias estanques que pretendem dividi-la, em categorias elitistas e subalternas como estudiosos de outrora.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais – 7ª edição*. São Paulo: Hucitec, 2010a.

_____. *Da Pré-história do gênero romanesco*. In: *Questões de literatura e estética: A teoria do romance - 6ª edição*. São Paulo: Hucitec, 2010c, pp. 363-396.

_____. *Epos e Romance*. In: *Questões de literatura e estética: A teoria do romance - 6ª edição*. São Paulo: Hucitec, 2010c, pp.397- 428.

_____. *Problemas da poética de Dostoievski – 5ª edição*. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010d.

_____. *Questões de literatura e estética: A teoria do romance - 6ª edição*. São Paulo: Hucitec, 2010c.

DISCINI, Norma. *Carnavalização*. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin - outros conceitos-chave*. São Paulo: Editora Contexto, 2008, pp. 53-93.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados - 6ª edição*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade. - 6ª edição*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição – 9ª edição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

LEITE, Francisco B. Mikhail Mikhailovich Bakhtin: Breve biografia e alguns conceitos. *Revista Magistro*. Rio de Janeiro v.1, n.1, 2011, pp. 43-63. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro>

LUCIANO DE SAMOSATA. *Diálogo dos mortos – versão bilíngüe grego/português – 3ª edição*. Organização e Trauçõo: Henrique G. Murachco. São Paulo: Edusp, 2008.

RABELAIS, François. *Gargantua e Pantagruel – Coleção Grandes obras da cultura universal, VOL XIV*. Tradução de David Jardim Junior. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2009.

SÊNECA, Lucio Aneu. *Apocolocintose do divino Claudio*. In: SOUZA, Frederico da Silva. *Apocolocintose do divino Cláudio: tradução e notas explicativas*. São Paulo, 2008, Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Univesidade de São Paulo (USP).

SOUSA, Maurício de. *Turma do Penadinho: Quem é morto sempre aparece - coleção L&PM Pocket, vol.903*. Porto Alegre: L&PM, 2010.